



ENSINO. ESPECIALISTAS DEFENDEM QUE NADA SUBSTITUI A COORDENAÇÃO MÃO-CÉREBRO NOS PRIMEIROS ANOS

O QUE MUDA COM O

A crónica falta de professores está a criar o cenário perfeito para a digitalização no ensino. Mas

Mafalda tem 8 anos, está na 3ª classe e lembra-se bem da Lagartinha Comilona, o primeiro livro que leu, e releu, sozinha, assim que as letras começaram a fazer magia e a fazer sentido. Familiarizada também com o estudo pelos computadores, como complemento, através da Escola Virtual, a criança não tem dúvidas em dizer que “é bem melhor estar a pegar em livros e a escrever com lápis e papel do que agarrada a um eletrónico”.

Ao seu lado, orgulhoso, o pai, João Fernandes, lembra que “é não só importante ter uma relação emocional com os professores, mas com os próprios livros e esse despertar de sensações acontece também pelo tato, pelo cheiro do papel, pelo procurar novamente aquela página preferida... Nada disso acontece no digital”.

E, porém, a digitalização avança por todo o lado, a um ritmo até impensável. Em Austin, nos Estados Unidos, há mesmo uma escola sem professores. Os alunos sentam-se frente ao computador e qual filme da Netflix em cenário futurista, passam horas a seguir instruções dadas pelo ecrã. Um adulto supervisiona a turma mas a sua função ali não é ensinar, é apenas evitar a indisciplina.

Mas serão assim os professores tão descartáveis? António Ribeiro da Cruz, na candura sincera dos seus 9 anos, não tem dúvidas de que tal cenário não seria, de todo, uma boa ideia e explica porquê: “Devem ser os professores e não os robôs a falar connosco. São os professores que nos contam histórias sobre a matéria e se alguém tiver dúvidas, eles voltam a explicar.”

◀ Cláudia Maurício ajuda o filho, António Ribeiro da Cruz, a fazer os trabalhos de casa com livros de papel



O balanço

Filinto Lima coordena um agrupamento de escolas com dois anos de projeto. “Acho que está a ser positivo”, diz

“DEVEM SER OS PROFESSORES E NÃO OS ROBÔS A FALAR CONNOSCO”, DIZ ANTÓNIO RIBEIRO DA CRUZ, DE 9 ANOS

António, integrado numa turma do 4º ano de escolaridade numa das escolas do agrupamento escolar de Santa Maria dos Olivais, em Lisboa, não está inserido no projeto-piloto dos manuais digitais. Os pais não quiseram e os professores também não. Lançado pelo governo PS, o projeto-piloto Manuais Digitais, integrado no Plano de Ação para a Transição Digital, integra 20 mil alunos do 3º ao 12º ano e tem por objetivo substituir gradualmente os manuais em papel.

Os opositores

A adesão dos estabelecimentos escolares à digitalização escolar, com a aprendizagem a ser assegurada a 100% por estes manuais, foi voluntária. O professor do 1º ciclo Alberto Veronesi tem sido um dos mais críticos do modelo – críticas que tem expressado em artigos de opinião em jornais e em redes sociais ligadas ao ensino. Alerta para os riscos de uma pressão perniciososa por parte de quem lucra com a digitalização à custa do desenvolvimento cognitivo das crianças.

“No 1º ciclo acho que deveria ser proibido o manual digital. Nos outros ciclos, até se poderia utilizar, mas sempre de forma complementar, nunca para substituir. Há estudos que dizem que há até regressões do coeficiente de inteligência devido à utilização dos instrumentos digitais por parte dos alunos em tão tenra idade”, sublinha Alberto, que dá aulas a alunos do 1º ciclo numa escola pública em Marvila.

A psicóloga Joana Amaral Dias lembra que do ponto de vista psicopedagógico nada pode substituir a coordenação mão-cérebro, essencial para aprender a escrever ou a fazer contas. “Quando se passa ▶

S MANUAIS DIGITAIS

estes recursos têm muitas desvantagens na aprendizagem. Por **Marisa Antunes**

► para os manuais digitais tudo isso é amputado... O que estes estimulam é apenas o carregar num botão. Ora, isso não é da ordem do desenvolvimento ou do crescimento cognitivo, é da ordem da estupidificação”, diz.

“A ciência precisa de estudos longitudinais, é preciso tempo para avaliar as consequências e o que está a ser feito é um experimento sobre as crianças, prejudicando o seu normal desenvolvimento. Introduzir os manuais digitais desta forma é a mesma coisa que puxar da arma, disparar e perguntar depois”, realça ainda, salientando que “há vários países a voltar atrás na sua decisão de adotar os manuais digitais (como a Suécia) e é pena que Portugal, em vez de ir ao encontro das melhores práticas, esteja a entrar nesse experimento, ao retardador”.

João Lopes, coordenador da Unidade de Psicologia Escolar da APSi (Associação de Psicologia da Universidade do Minho) cita como vantagens da digitalização no ensino a poupança de papel (“preserva mais o ambiente”) e a redução do peso transportado nas mochilas (uma preocupação dos pais), mas tudo se esbate quando se avalia o impacto na aprendizagem.

“De acordo com os diversos estudos, os suportes digitais favorecem uma abordagem superficial da informação. Quando lemos nos ecrãs, saltamos de página para página a uma velocidade impressionante... E se a página não for minimamente atrativa, salta-se logo para a seguinte. A isto chama-se a Hipótese da Superficialidade”, explica o psicólogo educacional.

A motivação dos alunos

Apesar dos riscos, conscientes ou não, a verdade é que a maioria dos alunos se diverte a aprender pelos manuais digitais, diz Filinto Lima, Presidente da Associação Nacional de Diretores de Agrupamentos e Escolas Públicas (ANDAEP). “Eles aderem com muita facilidade, é o instrumento de trabalho que eles conhecem como ninguém e portanto não têm qualquer dificuldade



A crítica

O professor do 1.º ciclo Alberto Veronesi lembra que há pressões por parte de quem lucra com a digitalização



O elogio

João Lopes, da Universidade do Minho, vê a poupança de papel e a redução do peso nas mochilas como boas

DO PONTO DE VISTA FUNCIONAL HÁ MUITO PARA FAZER: É PRECISO QUE AS ESCOLAS TENHAM WI-FI FIÁVEL

em usá-lo como meio para as suas aprendizagens. E ter um aluno motivado é bastante importante”, lembra o responsável.

Filinto Lima coordena o agrupamento de escolas Dr. Costa Matos, em Vila Nova de Gaia, que já vai no segundo ano de adesão ao projeto dos Manuais Digitais. No ano passado foram duas turmas, este ano são mais seis, cerca de 400 alunos, do 5.º ao 7.º ano. “Acho que está a ser positivo. O digital é algo que está a acompanhar a evolução do mundo e as escolas não podem ficar para trás... Não defendo o digital a 100%, mas sim o regime híbrido. O digital em exclusivo não é uma mais-valia para a educação”, enfatiza Filinto Lima.

Para a Porto Editora, a maior operadora do setor, com mais de 140 mil conteúdos digitalizados e criadora da Escola Virtual, o regime híbrido é também o ideal. “A experiência da pandemia trouxe tendências de sinais opostos: pela positiva, uma maior consciência do potencial das soluções digitais e do seu contributo para os processos de ensino e aprendizagem; pela negativa, os encarregados de educação e os professores tomaram consciência do impacto do uso exagerado de ecrãs na saúde e no desenvolvimento pessoal dos alunos, situação que continua a preocupar os pais. A tecnologia tem, pois, de ser usada de forma positiva, permitindo melhor acesso ao conhecimento, mas não pode levar ao isolamento dos alunos ou a problemas de saúde – dores de cabeça, dificuldades de visão, etc.”, admite fonte oficial da empresa, reforçando que “a Educação é, e será crescentemente, um cenário híbrido, com uma progressiva apropriação de novos instrumentos e tecnologias digitais que coexistirão com os livros em papel”.

Do ponto de vista funcional há muito para aperfeiçoar na digitalização. “É preciso que a tutela dote as escolas de uma rede wi-fi fiável. Chegamos ao ponto de um professor ter de preparar dois planos de aula: o A, recorrendo aos manuais



DUARTE RORIZ

O retrocesso

A Suécia já fez o movimento de regresso ao papel

Nos últimos 15 anos, as escolas suecas tinham apostado na digitalização desde a pré-primária, mas o estudo Progress in International Reading Literacy apurou que a tecnologia **está a atrofiar o desenvolvimento** cognitivo dos pequenos. O Estado sueco vai investir 60 milhões de euros para trazer os livros de papel de volta.

digitais, e o B em papel, caso falhe a Internet – e escusado será dizer que isso consome muita energia aos professores”, acrescenta.

Não há queixas dos alunos com o uso do PC em casa porque o “kit digital já vem com Internet”. O problema é nas escolas com a rede instalada a não suportar tantos dispositivos. “Se juntarmos a isto a recorrente necessidade de arranjo de



◀ João e Mafalda Fernandes, pai e filha, são críticos em relação à substituição dos livros por manuais digitais

computadores que se vão avariando, chegamos à conclusão de que é necessário a existência de um técnico de informática nas escolas, uma pessoa que possa fazer a manutenção dos computadores e que resolvesse diariamente as pequenas avarias que acabam por ser um constrangimento grande pois vão para arranjo e as empresas demoram muito tempo para os devolver”, reforça Filinto Lima.

Escolas sem professores

Com o ensino público a debater-se com uma grave crise de recursos humanos nas escolas, onde atualmente mais de 40 mil alunos estão sem professor a pelo menos uma disciplina e onde todos os meses, em média, 322 docentes abandonam os estabelecimentos por aposentação (dados dos últimos quatro meses da Caixa Geral de Aposentações), o terreno para a digitalização não poderia ser mais fértil. E a pandemia deu uma ajuda.

Alberto Veronesi lembra que foi a partir da pandemia que “os recursos digitais se tornaram a panacea

do ensino”, uma tendência alicerçada “em alguns lóbis, nomeadamente da área tecnológica, que podem estar a fazer uma pressão demasiado grande para este uso”.

Ao nível global, Portugal incluído, existe subjacente a ideia de “massificar o ensino através do digital”, colmatando a falta de professores – um problema que não é exclusivo do nosso país, a que se junta o avanço avassalador da Inteligência Artificial, “essa ferramenta que está agora muito na moda”, aponta este professor, temendo que “tudo isto poderá encaminhar-se para uma certa direção sem retorno em que haja uma substituição dos professores pelo digital”.

João Lopes fala de apresentações de produtos e empresas onde se passa a mensagem de que é mesmo possível substituir os professores, deixando os alunos entregues à auto-orientação. “Aparecem sempre umas pessoas que descobrem o último grito da pedagogia, da tecnologia e mais não sei o quê... Todos esses projetos devem ser vistos com distân-

cia, com parcimónia”, defende o psicólogo educacional.

Uma turma sem professor é “uma cena distópica”, alimentada por uma “indústria que visa o lucro e não o ensino e a aprendizagem”, realça, por seu turno, Joana Amaral Dias, sublinhando a importância do elo afetivo alunos-professor. “O sentimento em si, já é uma forma de aprendizagem. Muitos de nós recordar-se-ão, certamente, dos professores do primeiro ciclo e não é por acaso que está previsto um só professor acompanhar o aluno do 1º ao 4º ano. Essa relação humana profunda é essencial à aprendizagem. A aprendizagem não vem do vazio, não é apenas uma transmissão robótica, maquinal, do conhecimento”, reforça a psicóloga.

Na casa de António, o aluno de 9 anos da escola primária dos Olivais que gosta de ler livros em papel, surgiu há um mês um “intruso” que já está, de certa forma, a desestabilizar a tranquilidade da rotina caseira. O irmão mais novo de António, João, de 7 anos, vai fazer este ano a prova de aferição digital do 2º ano e já lhe foi atribuído um computador, que levou para casa para se começar a preparar.

“E de repente abriu-se todo um mundo novo em casa... Até há um mês não havia jogos de computador, mas permitimos entretanto o Pacman e o Super Mário e em duas semanas já ficamos ‘viciados’. diz a mãe, Cláudia Maurício, 43 anos. Uma adesão que só vem comprovar o que sempre defendeu – “manuais digitais entre o 1º e o 4º ano, a 100%, é algo que seria terrível. Não consigo imaginar nestas idades qualquer benefício disso...”.

Com a mudança governamental, os professores pedem agora mais diálogo na avaliação desta medida. “O anterior Ministério não falava connosco... Espero que este novo Governo promova uma ampla reflexão para perceber realmente qual é o caminho – se o digital, se o híbrido ou se nos mantemos só no papel. Mas existir um debate com a comunidade educativa é fundamental”, pede Filinto Lima, presidente da ANDAEP. ◻



O valor

A psicóloga Joana Amaral Dias faz questão de sublinhar a importância do elo afetivo alunos-professor

O ENSINO PÚBLICO DEBATE-SE COM UMA GRAVE CRISE DE RECURSOS, TERRENO FÉRTIL PARA A DIGITALIZAÇÃO